

É PRECISO CAMINHAR NO SENTIDO JUSTO

(...) Temos vindo a sublinhar a extraordinária importância deste princípio. Poderá parecer que ele é tão simples que nem vale a pena o anunciar. Mas isso é falso.

Quantas vezes nós deparamos com colaboradores que infringem este princípio? Quantas? Quantas vezes nós vemos colaboradores interessados em trabalhar mas que não se preocupam com a linha de acção em que o seu trabalho se insere, só conseguem andar às voltas?

São vezes sem conta que se observa um inútil desperdício de esforços, motivado pela falta de compreensão dos objectivos do movimento e dos métodos que deve seguir,

Não há dúvida que este princípio é importante, não há dúvida que antes de realizarmos qualquer tarefa, devemos reflectir sobre os resultados a que ela nos leva. Sem isto, sem dar a máxima atenção ao caminho que seguimos, o nosso trabalho perde todo o rumo e esvai-se em múltiplas tentativas inúteis.

É por isso que nós dizemos que a primeira condição para que o nosso trabalho de defesa dos interesses estudantis resulte, é a existência de uma correcta linha de acção que o conduza a perspectiva.

Isto significa que a compreensão por parte de todos os colaboradores dos objectivos da acção que desenvolvem, da linha de acção em que ela se insere, é imprescindível... Isto significa que é necessário dar toda a atenção à formação teórica dos colaboradores, à relação da prática com a teoria, à perspectiva do trabalho".

(...)

"O outro aspecto desta questão consiste no seguinte: não basta ter ideias correctas, é preciso aplicá-las para seguir um caminho justo

Por vezes surgem teóricos iluminados que, embora percebendo as questões essenciais, desdenham os pequenos pormenores. Isto é um erro grave.

É necessário compreender que sem se dar atenção aos pequenos pormenores, sem se vencer persistentemente as múltiplas dificuldades práticas, sem se pensar nos métodos de trabalho, nenhuma tarefa pode ser levada a cabo."(...)

POR UMA LINHA FIRME NO NOSSO TRABALHO

NESTE NUMERO:

- A nossa Orientação Geral... pag 2
- Primeira concretização sobre as nossas tarefas..... pag 8

"Menos palavreado e mais atenção aos factos. Em vez de se voçiferar um abstracto, peguem-se nas pequenas lutas das turmas (1)"

Não foi esta uma das fundamentais palavras-de-ordem?

(1) vide: cadeiras, cursos.

2 POR UMA LINHA FICME NOSSO TRABALHO

A NOSSA ORIENTAÇÃO GERAL

"Os colaboradores da associação proem que seja considerado fundamental e prioritário todo o trabalho que se traduza numa maior consolidação interna da associação; entendendo-se como consolidação interna tudo aquilo que tenha com efeito a curto prazo uma primeira radicação da associação nos estudantes da faculdade, uma grande aproximação deles da sua actividade quer no âmbito da estruturação (Alargamento das comissões de curso, radicação destas nos cursos), quer no âmbito das movimentações colectivas dos estudantes - que quebrem ou contribuam para tal, o marasmo e a apatia predominante na faculdade."

É esta a orientação geral estabelecida pelo Programa de Trabalho da Associação, aprovado pelos estudantes da Faculdade quando elegeram a nossa direcção actual; até que os estudantes se tronem a pronunciar sobre o assunto, é esta a nossa Orientação Geral.

→ Quando nos lançarmos a uma tarefa, seja ela qual for, temos sempre de ter em conta duas coisas (1): 1ª - o que a orientação geral nos indica e 2ª - o que a nossa experiência nos ensinou.

Neste instante, vislumbra-se pelo menos duas grandes tarefas: a luta pela reconquista da Associação, e enfrentar as implicações da nova Reforma nos problemas imediatos dos estudantes. Para não andarmos à toa, encaixemos estas tarefas à luz desses dois pontos.

1ª O que Orientação Geral nos indica

1.1. → Muitas vezes identifica-se a O. Geral com um objectivo (táctico, como diriam os "estrategas" da RIA) a curto ou a médio-prazo; outras vezes toma-se esta apenas como um critério de prioridades de trabalho. Ela não é unicamente uma coisa ou outra, pois contém os dois aspectos.

A Orientação Geral permite-nos pois ver que a nossa luta por uma Universidade Popular passa neste instante por uma determinada meta mais próxima: a consolidação interna da Associação. Faz-nos ver também que isso significa que as lutas que se travarem (tal como o nosso trabalho) devem ser orientados no sentido de 1ª produzir uma grande aproximação dos estudantes da estruturação associativa e 2ª quebrar o marasmo predominante na Faculdade.

A importância destas lutas (ou do trabalho associativo em geral) determina-se pela intensidade com que conduzem a estes dois pontos.

De acordo com esta Orientação Geral, a luta dos estudantes estará a progredir no sentido da Universidade Popular, o nosso trabalho estará a ser correcto, se

- 1ª - as comissões de curso se forem alargando e radicando nos cursos;
- 2ª - as movimentações colectivas de estudantes forem tomando consistência, e deixarem de se esboroar uma após outra; se as movimentações a nível de cadeira e de curso conseguirem generalizar-se, e passar a predominar a movimentação a nível de Faculdade.

(1) além, evidentemente, do nosso Objectivo Geral: o Ensino Popular (ver circular 9, "b"))

A PRIMEIRA EDIÇÃO DESTA CIRCULAR TRAVOU COM MAIS UM TEXTO

Sobre a primeira sessão do 2º SEMINÁRIO INTERNO, QUE DESTA VEZ NÃO SE PUBLICA

São estes os dois aspectos que toma a consolidação interna da Associação; eles não existem um sem o outro.

1ª Conclusão: A Orientação Geral indica como objectivo próximo a consolidação interna da Associação, e aponta como vias para o atingir o desenvolvimento 1º da organização nos cursos; 2º da consistência das movimentações colectivas.

1.2. Como devemos então encarar a chamada "luta pela reconquista da Associação"? Será a "reconquista da Associação" um objectivo em si?
À primeira vista pode parecer que sim. Se não pensarmos nas coisas, facilmente raciocinamos desta maneira: "a reconquista da Associação é um objectivo imediato para nós e antecede naturalmente a sua consolidação interna". Esta maneira erradíssima de ver o problema corresponde necessariamente a um desvio na orientação da luta e leva consequentemente a uma definição de prioridades errada.

É contudo o problema é bem simples! É preciso que se veja que aquilo a que se chama a "luta pela reconquista da Associação", não é mais que a luta pela reconquista de apenas alguns dos aspectos constituintes da Associação: o aparelho de prestação de serviços (folhas, secretaria, cantina), o aparelho técnico de imprensa e propaganda (máquinas, salas de trabalho), instalações (salas) de trabalho e convívio e a situação normalizada de uma Direcção representativa. Mas a Associação é um todo mais geral: ela engloba ainda as próprias movimentações colectivas dos estudantes (de âmbito Sindical) e as correspondentes estruturas associativas como as Comissões de Curso, a Reunião Geral de Colaboradores e (em certa medida) as Reuniões Gerais de Alunos.

A Associação ainda existe! o que é foram-lhe amputados alguns dos seus aspectos, a que chamaremos (para evitar mais confusões) "Aparelho". Ora o que acontece é que como a Associação é um todo e não um somatório de partes, os seus diversos aspectos estão intimamente interligados; amputar uns reflecte-se no enfraquecimento dos outros.

Neste caso concreto, isto reflecte-se num aumento de dificuldades para um desenvolvimento da organização nos cursos e da consistência das movimentações (2) ou seja, contraria a consolidação interna da Associação.

Podemos pois ver que a luta pela reconquista do "Aparelho" é ainda afinal a luta pela consolidação interna da Associação; e é precisamente por isso, de acordo com o que indica a O. Geral, que ela é correcta e necessária, e não como fim em si.

2ª Conclusão: A Orientação Geral indica que a luta pela reconquista do "Aparelho" associativo é necessária, mas na medida em que corresponda à consolidação interna da Associação; e é nesse sentido que essa luta deve ser orientada, e não como um objectivo em si.

1.3. A luta pela reconquista do "Aparelho" é sem dúvida importante. E poder-se-ia mesmo pensar: "Dada a sua importância não será um erro dispersarmos as nossas atenções (e as dos estudantes) com os problemas imediatos que traz a Nova Reforma? Não será essa até uma das principais razões por que a Reforma aparece a toda a pressa, precipitadamente, sem sequer estar ainda completa? O Governo pretende é que a gente fique entretida a resolver os problemas de horários, de equivalências, etc..., e desviar assim a atenção da questão da Associação".

Esta é uma forma unilateral de analisar o problema; apesar de conter meias-verdades, ela conduz necessariamente a uma linha errada de atuação.

(2) Vejam-se nomeadamente as dificuldades trazidas pela ausência de autonomia económica (aparelho de prestação de serviços) e pela inexistência do aparelho técnico de imprensa e propaganda; dificuldade de difundir palavras de ordem, informações regulares e rápidas, de formar colaboradores, etc...

a evolução da situação; num determinado momento dar-se-á mais atenção a certos aspectos da luta, noutro momento poderá já ser a outros, correspondendo por exemplo a formas de luta mais avançadas (se a situação se tiver modificado favoravelmente).

Elo extrai-se pois do actual estado atrasado das nossas forças, das lutas dos estudantes; no caso concreto da nossa Faculdade (e não só...) o aspecto dominante destas lutas encontra-se no campo ainda pedagógico, e dentro deste predominam as lutas a nível de cadeira, de ano ou quanto muito de curso e não de Faculdade ou federativas.

Esta situação, contrariamente ao que alguns pensam, não se vai alterar num abrir e fechar de olhos, mas apenas após um persistente e (naturalmente) longo trabalho.

Em vez de nos lançarmos anárquicamente ao trabalho, tentando ingloriamente instituir de imediato palavras de ordem politizadas, formas superiores de luta, etc, precisamos pelo contrário de compreender que para atingir um estado mais avançado da luta é necessário:

1º- que as massas travem um primeiro conhecimento com a sua força, com a importância de generalizar as suas lutas, com a importância de se organizarem colectiva e maciçamente; enfim, que iniciem a sua politização, iniciem a quebra da tutela ideológica que os professores e famílias reacçãoárias têm sobre elas;

2º- que se forme um primeiro corpo de colaboradores regulares capazes de exercerem uma direcção colectiva do movimento a todos os níveis e perspectivá-lo correctamente, sem falhas sistemáticas que acabem por o fazer esboar umas vezes atrás das outras; capazes ainda de saber enquadrar e organizar uma população de centenas e centenas de colaboradores eventuais, que assegurem a radicação da Associação nos estudantes da Faculdade.

Ora isto consegue-se precisamente através das pequenas escaramuças, que possibilitam pequenas vitórias e o enriquecimento progressivo da experiência da massa estudantil e da sua vanguarda sindical (colaboradores); pois de outra forma a movimentação dos estudantes não vai ganhando consistência, e sim perdendo-se em fluxos e refluxos anárquicos.

Esboçando-se nos dias e meses seguintes o que se construiu no momento, sem se dar passos decisivos em frente após cada novo fluxo de luta, não é certamente a maneira de progredir na luta pelo Ensino Popular.

em resumo: O que a Orientação Geral pressupõe é que antes de nos lançarmos a voos mais altos, é imprescindível procedermos a um primeiro agrupamento das nossas forças e a uma primeira acumulação de experiência e combatividade.

É fácil de ver que nós estamos ainda longe de ter completado esta etapa, (consolidação interna), embora tenhamos avançado bastante no ano passado. Se olharmos à nossa volta, verificamos que o movimento federativo não tem sido dirigido de acordo com esta perspectiva, acabou por ruir sem que tenha avançado praticamente nada; além de nós e do MAEESCL, que outras escolas se podem gabar de ter dado um gigantesco passo em frente, em relação à situação anterior em que se encontravam?

Ora isto não aconteceu por obra e graça do Espírito Santo... Nem pelo aparecimento de "génios" este ano, nem ainda por condições especiais na Faculdade (e nos Liceus) que facilitassem extraordinariamente o ressurgimento (4): isto proveio da nossa linha ser, no essencial, justa.

(4) A parte certos aspectos do problema de Engenharia, o ano passado teve igualmente o problema das bichas, da falta de salas, movimentação federativa, etc. Inclusivamente o problema de salas foi talvez mais agudo; e mesmo no caso da Engenharia, nunca poderia ter havido a movimentação que houve com a linha que a Associação tinha... (ver relatório da AEFCL 69/70)

4ª Conclusão: A experiência das lutas travadas e do trabalho Associativo em geral no ano passado, assim como o estado actual da luta dos estudantes e da sua organização confirmam a justiça (no essencial) da nossa linha de orientação, e apontam-na como sendo ainda necessária.

Mas o ano passado não mostrou apenas que a nossa linha de orientação era, no essencial, justa; veio também possibilitar um aperfeiçoamento.

Voltemos à primeira Conclusão. Focam-se nela as duas "vias" para a consolidação interna da Associação: desenvolvimento 1º- da organização nos cursos, 2º- da consistência das movimentações colectivas. Anteriormente, estas "vias" tinham sido explicitadas de forma a mostrar que elas, interligadas, são por assim dizer o "barómetro" da consolidação interna. Isto vem lá expresso dizendo "são estes os dois aspectos que a C.I. tem; eles não existem um sem o outro."

Não vem expresso se, no entanto, um dos aspectos é mais importante que o outro; e isto pela razão muito simples que nós não tínhamos tido uma experiência de luta para deslindar já essa questão no fim do ano passado.

O 1º aspecto encontra-se intimamente ligado ao esforço de organização (alargamento do número e formação crítica dos colaboradores das C. de curso); o 2º aspecto, ao esforço de perspectivação e generalização da luta, (politização das suas formas e dos seus objectivos).

- Ora este ano as falhas na capacidade de organização foram manifestas; veja-se o caso flagrante das dezenas ou mesmo centenas de estudantes que ficavam no fim de várias reuniões (de curso, R.G.A.; etc) dispostos a trabalhar, sem que nós fôssemos capazes de os enquadrar totalmente desperdiçando assim sistematicamente o aproveitamento do trabalho eventual e um potencial aumento de colaboradores regulares.

- E que vemos quanto às falhas na capacidade de perspectivação e generalização das lutas?

O deficiente aproveitamento das lutas de Engenharia e de Matemática para generalizar o desmascaramento do C.E., o falhanço do processo de Álgebra Linear, o exagerado isolamento dos cursos, etc, provêm ainda aqui da nossa incapacidade (das C. de curso, Coordenadoras, Direcção) em exercer uma Direcção colectiva (5) do nosso movimento; coisa afinal directamente consequente da insuficiência qualitativa e quantitativa de colaboradores que se encontrassem aptos a intervir nas reuniões, dirigir a luta, fazer textos, propostas, etc...

em resumo: Verificou-se que o desenvolvimento da consistência e generalização das lutas depende mais do desenvolvimento da organização nos cursos do que este aspecto depende do primeiro.

É assim que podemos ver que o estado actual da organização dos cursos (nº de colaboradores regulares, nº de colaboradores eventuais, a qualidade destes e o nível de formação) reflecte muito melhor o grau de consolidação interna que atingimos do que as movimentações colectivas que se efectuam.

5ª Conclusão: A experiência das lutas travadas e do trabalho associativo em geral no ano passado (6) mostra que, embora os dois aspectos mantenham a sua interdependência, é necessário dar uma atenção primordial ao esforço de organização (alargamento do número e formação crítica de colaboradores das comissões de curso); ... não sendo tão prioritário neste instante, o esforço no aspecto de desenvolvimento da perspectivação e generalização das lutas.

- (5) Ver Circular 9 "b) deficiências de perspectivação": isto é importante!
- (6) São também bons exemplos disto o caso das lutas do Direito no 1º período (do ano 70/71) e do que se lhes sucedeu, tal como a movimentação federativa em geral. Estudemos esses exemplos concretos, e deixemo-nos de paleio sobre a "incidência na luta de classes"!

PRIMEIRA CONCRETIZAÇÃO SOBRE AS NOSSAS TAREFAS

O texto anterior extrai da actual Orientação Geral o sentido das nossas tarefas:

- 1ª A luta pela reconquista do "Aparelho" deve servir e visar a consolidação interna da Associação, e não encerrar esta reconquista como um objectivo em si;
- 2ª Ainda nessa perspectiva, essa luta deve ser articulada com as de índole pedagógica que a nova Reforma vai fazer ressaltar; tendo em conta que a primeira é o maior factor de mobilização geral.

O mesmo texto, de acordo com os ensinamentos da nossa experiência, confirma a justeza desta O. Geral (no essencial) e desenvolve-a, salientando a prioridade actual de esforço de organização nos cursos.

Muito bem. As coisas essenciais estão no seu lugar, e já começamos a ver a terra que estamos a pisar. Mas é preciso concretizar isto! Como utilizar as anteriores 5 conclusões?

Não basta ter ideias correctas; é preciso saber aplicá-las, para caminhar no sentido justo.

Vamos então entrar no campo de uma primeira concretização. Mas não se fique à espera de encontrar aqui um "manual" de como agir! Seria pura estupidez a pretensão de pôr um texto a resolver (a conseguir resolver...) todas as questões que se nos põem neste capítulo; só o esforço colectivo da reunião geral de colaboradores pode acabar por conseguir tal coisa. Deve ser precisamente essa a grande preocupação dos colaboradores: concretizar a orientação das tarefas do momento, estudar e aplicar os métodos de trabalho necessários.

Devemos desmascarar a mediocridade e o intelectualismo daqueles que só sabem falar nas "incidências na luta de classes", na "ideologia do desenvolvimentismo", na socialização das relações sociais" (!) que "traz a necessidade da reintegração das pequenas burguesias com capacidade de se tornarem radicais", etc, e fazer outras brutas análises sobre o "desenvolvimento do Capitalismo"; mas que não sabem (ou não querem...) resolver decentemente os problemas concretos de orientação e organização da luta que se põem neste momento,

Chatear e fazer perder tempo, primeiro aos colaboradores, depois aos estudantes, com as suas diatribas verbais; afastar os colaboradores da conveniente preparação das lutas, desorientar e afogar depois estas nas suas "análises": eis as dignas funções (1) a que estes génios se prestam.

em resumo: os colaboradores devem manter uma linha firme no seu trabalho, acelerar a concretização da orientação das tarefas do momento, lançar-se ao estudo e aplicação imediata dos métodos de trabalho necessários; ao mesmo tempo, combater e desmascarar resolutamente os intelectualóides que começam agora a tentar levantar a cabeça.

1 - Como impedir que a reconquista do "Aparelho" seja encerrada como um objectivo em si ?

1.1 no campo da perspectivação

A única maneira possível é apoiarmo-nos na própria experiência das massas.

1ª exemplo:

No decorrer do ano passado, os cursos necessitaram de convocar reuniões para resolver problemas concretos que os prejudicavam (2) e precisaram de difundir as decisões tomadas; isto foi indispensável para assegurar a democraticidade e o carácter colectivo das decisões, ou seja para assegurar a eficácia na resolução desses problemas.

Para isso necessitaram de um aparelho técnico de imprensa e propaganda (salas de trabalho, papel de cartazes, pincéis, tintas, copiográficos, máquinas de escrever, etc,) e dinheiro para o manter (das folhas).

(1) funções essas que têm, veja-se bem, incidência na luta de classes: ajudam a burguesia a derrotar as lutas dos estudantes e a impedir que estas tomem consistência...

(2) citar sempre exemplos concretos.

Que ganharam os estudantes com as suas reuniões, comunicados, cartazes, etc.,?

1ª - defenderam os seus interesses imediatos (nos casos vitoriosos)

2ª - ganharam experiência, combatividade, melhor conhecimento da sua força colectiva, maior consciência crítica, menos colegas apáticos (nos casos vitoriosos e também nos não vitoriosos, embora evidentemente menos).

3ª - formaram melhor alguns estudantes em especial na capacidade de preparar reuniões, argumentar com um professor autoritário, fazer textos como deve ser, etc.; ficando ainda os estudantes interessados em continuar a reunir entre si mais amiúde, atentos com antecedência à forma de resolver novos problemas (nos casos como no 2º);

Ou seja, ficaram melhor equipados para fazer frente às lutas futuras, do ponto de vista de maior organização e de maior capacidade e tenacidade de mobilização.

Que devem concluir os estudantes?

Que interessa reconquistar o aparelho técnico de imprensa e propaganda, com a sua autonomia económica, na medida em que permite uma melhor defesa dos seus interesses imediatos, isto é, na medida em que traz uma consolidação; reconquista-se o aparelho técnico para continuar a luta e melhor.

Do mesmo modo se pode focar a experiência concreta que os estudantes tiveram da necessidade da existência de uma associação, com uma direcção global representativa (para a generalização das lutas, de forma a evitar o seu fácil aniquilamento e contra a estreita visão dos chauvinistas de curso) - com o exemplo de engenharia e os professores-polícias, boicotes a catedráticos, etc.

As massas aprendem muito bem o significado da palavra-de-ordem consolidação interna, se nós formos capazes de nos apoiarmos na sua experiência.

1ª Conclusão: Em vez de falar em abstracto da necessidade de uma Associação "para defender os nossos interesses", "para discutir e resolver os nossos problemas", "para uma formação cultural", etc., mostremos aos estudantes a partir da experiência de luta que têm (3), que o "Aparelho" não é mais do que um dos instrumentos que lhes são necessários para consolidar a sua luta,

2º exemplo:

No decorrer do ano passado, quando os estudantes tinham que reunir para tratar de alguma questão, utilizavam evidentemente as salas da Faculdade; quando a questão em causa era mesmo importante, mais importante que estenografar as "injecções" de "sabedoria" nas aulas, eram as últimas que logicamente se reuniam. Raras vezes utilizavam as instalações da Associação, aliás deficientes para isso.

em resumo: para os estudantes se reunirem não precisam de reconquistar as salas da Associação...

3º exemplo:

No decorrer do ano passado o Conselho Escolar pôs-se contra os estudantes, quando estes queriam defender os seus interesses (Engenharia, Matemática); é claro que os estudantes encetaram o desmascaramento do CE sendo uma das maiores armas a imprensa e a propaganda de cartazes. Claro que só foi possível pôr esta arma ao serviço dos interesses dos estudantes, porque ela só era controlada pelos próprios interessados... e não (por exemplo) pelo CE!

em resumo: aos estudantes só interessa o aparelho técnico de imprensa e propaganda, se foram evidentemente eles próprios a controlá-lo.

Do mesmo modo se pode focar a informação à população, a defesa dos colegas atingidos pela repressão governamental (claro que uma imprensa estudantil censurada pelas autoridades não poderia fazer nada disto), etc.

(3) É necessário dar a este assunto um tratamento especial no que respeita ao caso dos nossos colegas caloiros: é importante fazer textos e intervenções com base na sua experiência concreta da vida liceal.

2ª Conclusão: Em vez de apresentar a reconquista do "Aparelho" associativo como sendo sempre vantajosa (ou mesmo defender que se tem de exigir a "Associação como estava"), numa base abstracta, de princípio, deve-se vincar a distinção entre associação fructoche e Associação dos estudantes (com autonomia económica e de informação); e isto com base em exemplos concretos da experiência de luta.

1.2

No campo da organização

A organização da luta pela reconquista do "Aparelho" está evidentemente em função das formas de luta a adoptar e é sobre estas que nos temos de debruçar com urgência. Mas seria um erro escolher as formas de organização exclusivamente em função disso; tal maneira imediatista de agir desenvolveria nos estudantes enquadrados na organização o espírito de "colaborar pela reconquista do "Aparelho" e até à reconquista".

Pelo contrário, as formas de organização escolhidas devem facilitar a compreensão aos estudantes interessados especialmente em colaborar pela reconquista do "Aparelho" que essa reconquista não é mais do que um passo em frente, a seguir ao qual se devem dar outros; por outras palavras, deve facilitar a sua posterior integração como colaboradores mais regulares das comissões de curso.

Ora isto só se consegue se se fizer coincidir com as comissões de curso os grandes centros desta organização, devendo estas desenvolver em torno de si todas as formas específicas de enquadrar a colaboração eventual de centenas de estudantes (isto não é necessariamente utópico), ficando directamente responsáveis pelo andamento do trabalho. Essas formas específicas podem ser comissões eventuais de imprensa, de propaganda, piquetes de greve, de intervenção em reuniões, de vigilância de catões, etc.

3ª conclusão: A organização da luta pela reconquista do "Aparelho" deve ser sempre feita em torno das comissões de curso; mesmo quando isso seja aparentemente desnecessário para a luta imediata, ou apareaça como artificial.

Por outro lado, é necessário ter em conta que o incremento da organização é mais importante que a pretensão de fazer grandes perspetivações.

As análises, os textos, as intervenções devem subordinar-se a esta orientação. A perspetivação (e a politização consequente) deve-se limitar ao essencial: mostrar porque se deve combater pela reconquista do "Aparelho" associativo, porque se deve informar a população, porque quis o Go verno encerrar a Associação, porque traiu o CE os estudantes. E isto feito sempre em termos simples, com base na experiência concreta das massas, com exemplos objectivos; e nunca com desconhecidas "análises" "desde a década de 50", sobre os novos interesses da burguesia", etc. É mais do que evidente que não é preciso ir muito longe para falar no essencial; e o que se apresenta em essas "aprofundamentos" é dispersar a atenção dos estudantes do essencial para o acessório.

(4) neste caso e neste momento, claro.

cada reunião que devem ficar no fim para trabalhar e organizar-se.

Salta à vista que se torna de uma importância vital a formação crítica imediata de colaboradores aptos a fazerem estes textos e estas intervenções como devem ser (já se tem proposto como, e ainda se dirá mais); e aptos ainda a conseguirem organizar à sua volta, o maior número de estudantes possível, tentando por sua vez estimular a formação destes.

4ª Conclusão: Para se conseguir que a luta seja de facto orientada de acordo com as prioridades definidas, é de vital importância a formação crítica imediata de colaboradores; formação esta que deve necessariamente ter um sentido prático imediato (5), em função das necessidades actuais da luta, preocupando-se muito mais como aspecto particular e concreto das questões do que com o seu aprofundamento.

[2] - Nesta primeira concretização deveriam estar incluídos, pelo menos, mais dois pontos

"2 - como encarar a luta pela resolução dos problemas pedagógicos imediatos (ressaltados pela nova Reforma) ?"

"3 - como articular a luta pela reconquista do "Aparelho" com as múltiplas lutas de índole pedagógica ?"

Para que o tratamento destes dois pontos correspondesse mesmo a uma primeira concretização, seja necessário abordá-los como o primeiro o foi; isto é, com exemplos concretos, de aplicação imediata.

[2.1] Por outras palavras, isto quer dizer que é impossível concisar estes pontos sem se ter primeiro um conhecimento minimamente sistematizado da situação concreta dos cursos. É necessário proceder a um reconhecimento dos problemas imediatos que mais probabilidades têm de nos aparecer pela frente; e é necessário também saber prever as condições em que estes problemas vão aparecer.

Só assim poderemos então classificar este consoante a sua importância relativa e definir a sua intensidade de esforços a despendar em cada um deles, segundo uma ordem de prioridades. Esta classificação é feita evidentemente com base na O. Geral traçada; ver os subpontos 1.1 e 2.2 do texto "A nossa O. Geral".

Exemplo: É mais que provável que vá existir um processo Algebra Linear pois esta cadeira passou para o 1º semestre, deve manter os mesmos professores (incluindo o nosso "amado" Romeu) e muito possivelmente a matéria não será aquela que os estudantes propuseram no ano passado.

Podemos ainda estudar os antecedentes:

-uma notável mobilização do ano passado, mas impotente devido ao atraso com que se abordou o problema -que trouxe a consciência da necessidade de organização prévia;

-propostas concretas (desde projectos de matéria até boicote de aulas e exames como formas de luta) -que ~~se foram~~ o ~~caso~~ ~~para~~ ~~serem~~ agora postas em prática;

-o caso de há dois anos quando o M. E. N. fechou a Universidade e não foi dada matéria de Alg. Linear quase nenhuma, e o Almeida Costa deixou os estudantes todos (houve ainda mais chumbos que o habitual) -permite mostrar aos estudantes o que os espera com os exames do 1º semestre

-etc, etc, etc.

Para distinguir o alcance destas condições, devemos estudar ainda outros dados concretos como: o número de chumbos (para ver quantos repetentes há); se a matéria nos diferentes cursos é ou não é afinal unificada; quantas pessoas ficam libertas do risco imediato da prescrição pelo aparecimento da Nova Reforma; etc.

(5) do estilo; como se deve fazer um comunicado; qual a linguagem que se deve utilizar; como se deve encarar a politização dos estudantes; como devem funcionar as reuniões sobre este o aquele assunto; como se faz a organização eventual neste o naquele casos concretos do ano passado; como rebater os intelectualoides; etc.

Com base neste estudo da situação concreta, podemos distinguir a importância deste processo a forma de o orientar e a forma de articulá-lo com a reconquista do Aparelho Associativo. (veja-se por exemplo a ligação com um processo professores-polícia).

Quem diz este processo, diz outros resultantes da falta de salas, da continuação do problema das Engenharias e 1º ano de Matemáticas, das faltas, e por aí fora. Se nos limitarmos a prever no ar estes processos; se, em vez de os analisarmos abertamente desde já, ficamos à espera que as coisas se aclarem por si, a ver "como reagem os estudantes"; enfim, se aguardamos que os processos comecem a rebentar espontaneamente para só depois nos debruçarmos sobre eles, não estaremos aptos a conduzir a luta.

Não se agir como uma vanguarda, colocarmo-nos a reboque dos acontecimentos; eis onde nos leva a existência de um estudo sério e cuidadoso da situação concreta dos cursos.

5ª Conclusão: Para não se falar no ar na concretização da orientação das lutas pedagógicas, é imprescindível que as comissões de curso sistematizem e completem o conhecimento que têm da situação dos respectivos cursos; podendo para isso adoptar o método descrito.

2.2 Evidentemente que nós não estamos no zero quanto ao conhecimento da situação concreta dos cursos; o nosso mal é mais a "ligeireza" e a despreocupação com que encarámos a necessidade de sistematizar cuidadosamente este conhecimento e de aplicá-lo devidamente no nosso trabalho.

Podíamos, pois, acrescentar aqui já algumas questões: é melhor no entanto referi-las só de fugida.

a) A divisão que se fez das comissões de curso (Engenharias, Matemáticas, Química-Física, Geologia-Biologia) não é de modo algum uma questão de princípio; obedeceu a um critério de eficiência, isto é, foi escolhida a divisão que facilitasse uma primeira penetração nos cursos de acordo com os colaboradores já existentes.

Para que uma divisão da organização facilite a penetração nos cursos, é pois necessário que ela corresponda simultaneamente:

1ª - a uma afinidade especial que distinga um grupo de estudantes de outros, entre o tipo de problemas que estes defrontam resultantes da sua vida na FAC; esta afinidade pode resultar de pertencem ao mesmo curso, a cursos diferentes com muitas cadeiras comuns, ao mesmo ano, de terem os mesmos profs etc.

2ª - ao grau de desenvolvimento da luta, que destaque em especial determinados grupos de estudantes de outros; o desenvolvimento da luta pode referir-se em especial à consistência da mobilização, quantidade e qualidade dos colaboradores já existentes, ou ainda à individualização (ou generalização) dos processos.

- No decorrer do ano passado, a evolução da situação tornou notório que a existência de uma comissão de curso "Engenharias" é agora muito menos útil do que a existência de uma comissão de curso do 1º ano e outra do 2º ano; o facto é que passam a ter reuniões separadas. No entanto, a sua imprensa própria continuou misturada (um único impróprio supl. Engs) sendo uns números do 1º entre números do 2º, o que trouxe uma grande baralhada.

- No ano passado, criou-se a comissão de curso de Química-Física, pois os dois primeiros anos eram comuns; ora os 4º e 5º anos tinham muito pouca gente em relação aos anteriores, a afinidade entre os dois cursos era notória. A Nova Reforma tornou apenas o 1º ano comum; esta afinidade perde-se muito, e isso é um dos factores que pode levar a ter de se alterar a divisão: de comissão de curso de Química-Física a comissão do 1º ano de Química-Física e comissão de curso de química e comissão de curso de Física (por exemplo)

- Se o conteúdo de cadeiras de diversos cursos for idêntico, ou estas cadeiras forem mesmo dadas em comum, isso justificará provavelmente a criação permanente de uma comissão de cadeira, em vez de uma comissão eventual de várias comissões de curso para cada processo.

Porque se torna tão necessário acompanhar, com alterações na divisão da organização associativa(6), as alterações na divisão pedagógica na Faculdade? Porque, se é certo que a actividade associativa não se resume ao aspecto pedagógico, não sendo este sequer o mais importante, o mais avançado?

A razão é bem simples. So, por um lado, o aspecto pedagógico predomina largamente nas lutas actuais (o que é um facto); se, por outro, o desenvolvimento da organização tem necessariamente que assentar no desenrolar das lutas imediatas, é natural que a forma de organização ofereça mais garantias de uma boa radicação no curso seja aquela que acompanhe (no geral) a divisão pedagógica da Faculdade.

6ª Conclusão: É necessário actualizar as formas de divisão que toma a organização associativa nos cursos; baseando-se para isso no estudo da situação concreta, em especial das alterações da divisão pedagógica da faculdade.

(6)- em todos os seus aspectos: pedagógico, pedagógico-cultural, cultural, informativo, convívio, etc.